

RESENHA

Vladimir Hernandes*

ARMSTRONG, John (Org.). **O ministério pastoral segundo a Bíblia.** São Paulo: Cultura Cristã, 2007.

John Armstrong é o fundador de *Reformation and Revival Ministries* e goza de uma experiência ministerial de mais de vinte anos. O seu trabalho tem sido conhecido do público brasileiro através das obras *O Mistério Católico* e *Sola Scriptura*, ambos publicados pela Editora Cultura Cristã. Como ocorre com outros títulos, o livro *O Ministério Pastoral Segundo a Bíblia* é fruto do trabalho editorial de Armstrong no qual ele escreve um capítulo e organiza outros treze tópicos relacionados à perspectiva bíblica sobre o trabalho do pastor. Assim, a contribuição principal desse livro é estabelecer, a partir dos ensinamentos bíblicos, tanto o escopo quanto as principais características bíblicas que devem fazer parte do ministério pastoral na atualidade.

Nos quatorze temas desenvolvidos por diferentes autores, os articuladores procuraram apresentar uma coletânea de advertências, conselhos e boas estratégias relacionadas à atividade pastoral. Como isso os leitores podem avaliar e, se necessário, corrigir suas práticas ministeriais à luz do conteúdo da obra.

No primeiro capítulo, ao abordar a necessária reforma a ser realizada continuamente na igreja cristã, o autor destaca três fundamentos perdidos pelos ministros modernos: a palavra, a perspectiva e o poder. Segundo o autor, a palavra tem sido esquecida devido ao descaso pela sã doutrina, a perspectiva sofre com as deturpações de inovações oriundas das propostas ministeriais contemporâneas e o poder espiritual foi substituído pela autonomia humana e a ênfase no personalismo promovido pela mídia.

O autor apresenta bons fundamentos bíblicos a serem perseguidos. Por exemplo, em 2 Timóteo 4.3 ele ressalta o alerta quanto ao enfraquecimento

* O autor é pastor da Igreja Batista Cidade Universitária, em Campinas-SP, e é aluno do programa de Doutorado em Ministério no CAPJ.

do valor dado à doutrina bíblica. Ele ainda lembra que Tito (em Tt 2.1) foi instruído a se dedicar à sã doutrina e Timóteo (em 1Tm 4.2) foi comissionado a pregar insistentemente a Palavra. Dessa maneira, o zelo pela doutrina é um valor a ser mantido por todo ministro no serviço ao Senhor. O ministro precisa buscar os interesses de Cristo e não os seus próprios (cf. Fp 2.21) e os pastores precisam se portar como vasos de barro para que a fonte de poder seja o Senhor (2Co 4.7).

No segundo capítulo, Mark Coppenger aborda o tema “Livrando-nos da Profissionalização” e apresenta bons argumentos que os ministros precisamos ter para não fazer do ministério uma profissão como outra qualquer. Há sempre o risco de o ministério se assemelhar a uma carreira, de onde se busca freneticamente benefícios, realizações e projeções pessoais. Todavia, o ministro deve estar comprometido com Deus e depois com as ovelhas compradas por Cristo (cf. At 20.28). A legítima aversão à profissionalização não pode ser confundida com aversão à excelência nem descaso com a organização e a boa gestão. Não se pode permitir que a postura do tipo “se é para a igreja qualquer coisa serve” se estabeleça e prolifere. Se não é correto agir como profissionais da igreja, também não se deve pastorear como amadores negligentes e relapsos com a obra do Senhor.

O autor do capítulo que discorre sobre a necessidade de uma vida piedosa (capítulo 3) traz alguns argumentos desafiadores. Como modelos do rebanho (1Pe 5.3) os pastores devem cuidar da vida devocional e da piedade pessoal (1Tm 4.7; 1Tm 6.11 e At 20.28). Para isso eles precisam praticar as disciplinas espirituais da leitura, oração, meditação, confissão de pecados e adoração que mantêm a devoção ao Senhor renovada, genuína e naturalmente contagiante.

Em seu ensaio sobre a exposição bíblica, R. Kent Hughes insiste no fato de que o ministro deve pregar a Palavra sem hipocrisia e apaixonadamente. Essa tese concorda com o exemplo de Paulo, que se considerava limpo do sangue de todos em Éfeso por sua aplicação no ensino da Palavra (At 20.26-27). O autor ainda defende que a pregação deve ser cristocêntrica, o que é melhor desenvolvido por Thomas N. Smith em seu capítulo sobre a necessidade de manter Cristo como o principal enfoque da pregação ministerial. Esse conceito tem o seu fundamento no ministério de Paulo aos coríntios (1Co 2.2), pois o que ele decidiu saber acerca daquele povo era somente o que dizia respeito ao Cristo crucificado.

A ênfase na importância da pregação bíblica ainda é abordada nos capítulos que tratam da fé, do culto e da cura de almas (capítulos 6, 7 e 8). Nesses ensaios os autores defendem que a verdadeira pregação envolve ensino, encorajamento, convicção e correção. A fé dos ouvintes depende da pregação da Palavra (Rm 10.17) e essa tarefa deve ser sempre levada a sério com absoluta prioridade (2Tm 4.2). Além do mais, as ponderações sobre o culto teocêntrico alertam para o perigo de o culto ser centrado em várias outras coisas e pessoas

ao invés de focado no Deus de toda a glória (Sl 29.2). No culto, tudo o que for pregado e cantado deve ser cuidadosamente orientado para agradar a Deus. Finalmente, o capítulo intitulado “Cura de Almas” é particularmente desafiador. As reflexões do autor sobre a essência do ministério pastoral revelam que sacrifícios pessoais por parte dos pastores são necessários a fim de que suas ovelhas manifestem progresso na caminhada com Cristo. A abordagem nesse capítulo é coerente com a postura de Paulo, especialmente conforme o texto de Filipenses 2.16-17. Ali Paulo registra que ele se esforçou exaustivamente em prol das igrejas sob sua responsabilidade, a ponto de estar disposto a dar sua própria vida em benefício delas. Esse exemplo deve servir de parâmetro para nós pastores.

O capítulo que discorre sobre a função da oração no ministério pastoral defende que a dedicação à oração pela igreja deve ser uma área prioritária na vida de todo ministro do evangelho. O exemplo dado pelos apóstolos no início do livro de Atos é um bom parâmetro para isso, pois eles deixaram várias tarefas operacionais para se dedicarem à oração e à Palavra (At 6.3-4). Essa noção correta das prioridades ministeriais também caracteriza o capítulo que aborda a responsabilidade pastoral no incentivo à comunhão dos santos (capítulo 10). Nesse ensaio o autor descreve algo que deve ser exaustivamente pregado, pois as influências sociais individualistas e egoístas estão assombrando a igreja contemporânea.

Quanto aos textos que versam sobre a celebração dos sacramentos e a disciplina na igreja, o leitor encontra uma discussão relevante sobre algumas marcas da igreja que têm sido negligenciadas na atualidade. Embora a discussão sobre a celebração semanal da Ceia do Senhor seja considerada desnecessária por alguns, é sempre bom tomar conhecimento de que alguns reformados defendem apaixonadamente essa prática. As colocações feitas por Joseph Flatt Jr. sobre a importância da disciplina na igreja são muito apropriadas. Disciplinar alguém é uma prática desafiadora, pois algumas vezes é mais cômodo fazer “vista grossa” ao pecado de alguns do que confrontá-los. No entanto, essa não é a atitude que agrada ou glorifica o Senhor Jesus, pois ele deixou claro que a disciplina bíblica é uma prática necessária entre o seu povo (Mt 18.15-20). O Senhor indica que a disciplina bíblica é instrumento que visa à restauração e purificação dos seus discípulos.

Por fim, os últimos capítulos discorrem sobre a evangelização realizada pelos pastores e o zelo que todos devem ter pelo crescimento da igreja de Cristo (capítulos 13 e 14). Nesses capítulos os autores lembram que os ministros devem servir de modelo para o rebanho também nessas atividades (1Pe 5.1-3), pois não basta apenas ensinar verbalmente o que deve ser feito, mas praticar o próprio ensino bíblico a fim de que outros sejam motivados pelo exemplo do pastor. Armstrong conclui a organização desse livro com o capítulo que trata sobre o crescimento da igreja, indicando que o mesmo não é um fator que

acontece isoladamente, mas é um indicador da saúde espiritual do rebanho. A igreja precisa crescer, mas não a qualquer preço, nem com qualquer abordagem, muito menos com qualquer tipo de membro. Ela precisa crescer com pessoas genuinamente crentes no Senhor Jesus, mediante a obra do Espírito através da pregação do evangelho.

Essa é uma obra recomendada a todos os líderes da igreja de Cristo na atualidade, pois seus capítulos convidam à reflexão bíblica e ao mesmo tempo prática. Alguns certamente não gostarão da maneira generalista adotada por alguns autores como se todas as igrejas estivessem “mergulhadas no erro”. Mas deve se observar que os fundamentos apontados nesses capítulos são válidos e servem para mobilizar os leitores à constante análise, reflexão e busca por correções sempre que necessário.